

O Ilari e a guerra cultural: a construção de agendas intelectuais na América Latina



Bandeira americana (detalhe), s/d.

Elizabeth Cancelli

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do CNPq. Autora, entre outros livros, de *O Brasil e os outros: o poder das ideias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. cancellie@gmail.com

O Ilari e a guerra cultural: a construção de agendas intelectuais na América Latina*

Ilari and the culture war: the formation of intellectual agendas in Latin America

Elizabeth Cancelli

RESUMO

Este artigo se volta para a análise das políticas culturais e envolvimento de intelectuais na guerra cultural. Seu foco é o Ilari (Instituto Latino-Americano de Relações Internacionais), órgão do Congresso pela Liberdade da Cultura (CCF). Se a literatura e as artes plásticas, ou belas-artes, haviam sido a tônica de investimentos do CCF nos anos 1950, a nova ênfase, na fase pós-Revolução Cubana, foi o financiamento e apoio às Ciências Sociais e à criação de “problemáticas latino-americanas”. Neste trabalho, apontamos como foi construída essa agenda e como começou a haver certo descompasso entre as políticas do CCF e os regimes ditatoriais que se instalavam na América do Sul, ainda que com respaldo logístico e político dos Estados Unidos.

PALAVRAS-CHAVE: guerra cultural; Congresso pela Liberdade da Cultura; Ilari.

ABSTRACT

This article addresses cultural policies and the involvement of intellectuals in culture war. It focus on Ilari, the Latin American Institute of International Relations/Instituto Latino Americano de Relações Internacionais, an organ of the Congress for Cultural Freedom (CCF). While literature and the visual arts, or fine arts, were the focus of CCF's investment in the 1950s, its new emphasis in the post-Cuban revolution stage was on strong financing and support to Social Sciences and the creation of "Latin American issues". In this text, we point out how this agenda was formed and how a mismatch started to appear between CCF policies and dictatorships coming to power in South America, despite logistic and political support the United States granted these latter.

KEYWORDS: culture war; Congress for Cultural Freedom; Ilari.

* Pesquisa financiada pelo CNPq e Fapesp. Todas as referências IACF neste artigo dizem respeito à Biblioteca da Universidade de Chicago, SRC, IACF Collection.

¹ Conhecido militante anarquista, Louis Mercier Vega (ou de La Vega), cujo nome de batismo era Charles Corturinf, nasceu, aparentemente, na Bélgica, em 1914. Era jornalista e combateu ativamente na Guerra Civil espanhola pelo POUM (Partido Operário de Unificação Marxista). Veio para a América Latina em 1939 (Argentina e Chile) e filiou-se ao Congresso pela Liberdade da Cultura em 1950, época a partir da qual era acusado de agente da CIA. De 1952 a 1962 ele trabalhou no Secretariado do CCF como chefe da seção latino-americana.

² Shepard Stone havia substituído Michael Josselson quando o CCF fora denunciado pelo acobertamento de atividades da CIA, em 1966, e mudado seu nome para International Association of Cultural Freedom. De 1953 a 1968, data em que assumiu a presidência do IACF, Stone foi diretor de Assuntos Internacionais da Fundação Ford.

³ IACF, box 13, series VI. O financiamento havia sido acordado e assinado com a Ford. Cf.: Documento do Ilari do Programa a Especial de Coordenação de Estudos Sociais na América Latina, datado de 10 de julho de 1960.

80

Em janeiro de 1969, três anos antes do fechamento definitivo do Instituto Latino-Americano de Relações Internacionais (Ilari), seu diretor, Louis Mercier Vega¹, escrevia uma longa carta a Shepard Stone, presidente da Associação Internacional pela Liberdade da Cultura.² O tom era de lamento e de indignação e dizia respeito às verbas da Fundação Ford repassadas pelo outrora chamado Congresso pela Liberdade da Cultura (CCF) ao Ilari.³ Vega argumentava que os 200 mil dólares disponibilizados para aquele ano significavam o estrangulamento dos programas latino-americanos. Em 1967, o Ilari, dizia ele, teria recebido 320 mil dólares, diminuídos para 250 mil dólares em 1968. A redução massiva, era o argumento, se aplicava a um organismo em plena expansão, enraizado em uma série de centros nacionais, ligado intimamente à vida intelectual das capitais e de uma série de publicações e edições, e se traduzia em uma verdadeira desestruturação

dos trabalhos em curso. Uma diminuição de 120 mil dólares em dois anos significava um corte de mais de um terço das verbas antes disponíveis. Se levamos em conta a magnitude dos investimentos, já que, corrigido, o montante de 320 mil dólares significaria hoje algo em torno de 2 a 3 milhões e meio de dólares, dependendo da taxa de correção aplicada. Vega tinha razões para suas queixas.⁴

Em sua correspondência, Louis Vega chamava ainda atenção para o fato de que o Ilari não se constituía como uma instituição centralizada, mas uma federação de grupos, levada por seis anos, desde 1962, e que esta medida significava eliminar o Centro Chileno e o Uruguai, eliminar o correspondente da Colômbia, suprimir a ajuda a revistas amigas e suspender o intercâmbio intelectual e as relações internacionais entre os países da América Latina, finalizar a coleção *Terceiro Mundo* e interromper o boletim de informação *Trabalho*.⁵

Era interessante que Vega se referisse à atuação do Ilari desde 1962, já que o Instituto fora criado apenas em 1965. É que naquele ano, ele e o escritor Keith Botsford haviam sido enviados pelo Congresso pela Liberdade da Cultura, respectivamente, ao Uruguai e ao Rio de Janeiro, a fim de que reestruturassem o trabalho da seção Latino-americana do CCF, especialmente devido ao impacto causado pela Revolução Cubana. A decisão de mandá-los havia sido tomada em 1961. A Botsford, no Brasil, coube a reorganização da revista *Cadernos Brasileiros*, com sede no Rio de Janeiro, e do *Informativo*, que fazia a publicidade das conferências de grandes nomes do CCF: Raymond Aron, Ignazio Silone⁶, Stephen Spender, o escritor polonês Kot Jelensky, Robert Lowell e Ulli Beier⁷. por exemplo. A Vega coube a direção do Ilari e dos centros nacionais, a reorientação do CCF para a ênfase nas Ciências Sociais e a aproximação com Benito Milla (1918-1987), intelectual refugiado da Guerra Civil espanhola no Uruguai, proprietário da Editorial Alfa, a partir do qual Vega se aproximaria de vários intelectuais latino-americanos, inclusive de Emir Rodríguez Menegál.⁸

O Ilari seria mais do que o resultado de uma investida sistemática de políticas de trabalho que vinha sendo feita na América Latina desde o lançamento da revista de língua espanhola, *Cuadernos*, em 1953, publicada em Paris. Apesar das atividades do espanhol Julian Gorkin (1901-1987).⁹ diretor da *Cuadernos* em freqüentes turnês pela América Latina terem imprimido marcas fundamentais nas atividades intelectuais da América Latina, houve mudanças profundas de estratégia e de pessoal. John Hundt¹⁰, segundo homem do CCF e membro de secretariado em Paris, dividiu as atividades do CCF no Brasil em duas fases: de 1958 a 1961 e de 1961 em diante. Esta primeira fase teria sido reduzida à publicação da revista (*Cadernos Brasileiros*), à recepção de viajantes estrangeiros e à publicação de alguns folhetos: uma fase de caráter mais político, anticomunista. A segunda, seria uma etapa de expansão, de combate ao gelo e à desconfiança.¹¹

Usando Benito Milla como homem de base no Uruguai, Louis Mercier Vega se estabeleceu em Montevideu numa estada de pelo menos dez meses. Iniciou, em 1963, os preparativos para o que ele considerava uma nova fórmula de trabalhos: organizar com a participação de sociólogos, historiadores e outros especialistas, grupos de estudos sobre temas políticos, econômicos e sociais, como por exemplo o papel social do exército em vários países latino-americanos, certos fenômenos típicos como o tercirismo no Uruguai¹² e o peronismo na Argentina, “um trabalho de base imprescindível antes de organizar seminários continentais”, dizia ele.¹³

⁴ Em 2013, o valor relativo de \$ 320.000 dólares em 1967 seria de: \$ 2, 230.000 pelo *Purchasing Power Calculator*. Cf. <www.measuringworth.com/uscompare>. Acesso em 8 jan. 2015.

⁵ IACF, box 13, series VI. Paris, 3 de janeiro de 1968.

⁶ Como Aron, Silone visitou o Brasil em outubro de 1962.

⁷ Intelectual alemão que viveu na Nigéria, foi fundador da revista *Black Orpheus*. Estudioso da cultura Yoruba, tornou-se importante africanista e publicou *Black Orpheus: An Anthology of New African and Afro-American Stories*, em 1965.

⁸ Informações sobre a proximidade de ambos podem ser cheçadas na intensa correspondência que Milla e Vega trocam. IACF, Box 8, series VI, por exemplo. Ver também BARTLEY, Russel H. The Piper Played to Us All: Orchestrating the Cultural Cold War in the USA, Europe and Latin America. *International Journal of Politics, Culture and Society*, v. 14, n. 3, 2001, p. 593.

⁹ Gorkin, cujo verdadeiro nome era Julián Gómez García-Ribera, foi um dos líderes do POUM durante a guerra Civil espanhola. Intelectual ativista, fugiu da Espanha para o México, em 1940, onde tornou-se um ativista anti-stalinista. juntou-se ao CCF e foi diretor da *Cuadernos* de 1953 a 1963.

¹⁰ De Hundt são várias as fontes que o têm como agente da CIA. Cf.: SAUNDRES, Frances S. *Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da cultura*. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2008, p. 264 e segs.

¹¹ IACF, box 3, series VI. Documento sobre as atividades do Congresso no Brasil, 1964.

¹² Sobre o tercirismo, consultar tese de doutorado de CABRAL, José Pedro Cabrera. *Trajectoria político-ideológica da esquerda uruguiaia*. 1964-2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006. Disponível em <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/Trajectoria%20politico-ideologica.pdf>>. Acesso em 3 dez. 2014.

¹³ IACF, box 3, series VI. Montevideu, 13 de março de 1963. Carta de Louis Mercier Vega a Sylvio S. Mutal.

¹⁴ V. a rica correspondência do Ilari com Aldo Solari depositadas na Biblioteca da Universidade de Chicago.

¹⁵ IACF, Box 21, series VI. Pour Connaître L'Ilari.

¹⁶ Cf. SAUNDRES, Frances S., *op. cit.*, COLEMAN, Peter. *The Liberal Conspiracy: The Congress for Cultural Freedom and the struggle for the mind of postwar Europe*. New York/London: The Free Press and Collier Macmillan, 1989, eNCELLI, Elizabeth. *O Brasil e os outros: o poder das ideias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/obrasileosoutros.pdf>>.

¹⁷ IACF, box 13, series VI.

¹⁸ *Organizational Conference of The Instituto Latino-americano de Relaciones Internacionales*, Lima, Peru, 29 de novembro a 3 de dezembro de 1964. IACF, Box 20, series II.

¹⁹ A visão era a de que os comunistas estavam aliados ao peronismo. "Na Argentina, os comunistas são o único grupo que evita atritos com a ditadura de Perón". In: *The Congress for Cultural Freedom in Latin America*, de Julian Gorkin, julho de 1953. IACF, box 20, series II.

²⁰ As ênfases de pesquisa seriam cinco: a composição social dos partidos políticos; a composição social e o papel cívico das forças armadas; a universidade e a sociedade; censura na América Latina; problemas do romance latino-americano. IACF, box 20, series II.

²¹ Sobre a *Mundo Nuevo*, ver: MUDROVIC, María Eugenia. *Mundo Nuevo: Cultura y Guerra Fría en la década de 60*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1995. A revista foi distribuída no Brasil pela Livraria Hachette do Rio de Janeiro e durou de 1966 a 1971.

²² Durante a direção de Emir Monegal, *Mundo Nuevo* foi publicada em Paris. Posteriormente foi transferida para Buenos Aires.

Na Argentina, o contato fundamental foi com o sociólogo Aldo Solari.¹⁴

As operações do instituto continuariam a ser feitas a partir da estrutura do CCF em Paris, com administrações sediadas nos países alvos do Ilari. Cada um dos centros nacionais foi sede de uma estrutura básica de funcionamento (dependências para o serviço de documentação e de arquivos, uma sala de exposições, ou de uma galeria de arte, uma sala de conferências e salas para os grupos de trabalho) que garantia, segundo Vega,

*uma organização não burocratizada que visava em primeiro lugar favorecer a criação de uma capital latino-americano próprio nos domínios das belas-artes, da literatura, da crítica, da informação e da pesquisa. Enfim, estabelecer os circuitos de troca e de confrontação entre os diversos centros culturais da América Latina. Igualmente, fazer conhecer os trabalhos a grupos não especializados. Enfim, fazer os intelectuais latino-americanos participarem da vida internacional, através de sua produção, sem soberba nem sentimento de inferioridade, sendo o único critério o de valor.*¹⁵

Os estatutos do Ilari foram discutidos em novembro de 1965 em um encontro no Peru com os membros da seção de Paris do CCF, portanto ainda antes da denúncia de 1966 do New York Times sobre o financiamento da CIA ao CCF e, conseqüentemente, antes da transformação do Congress for Cultural Freedom em International Association of Cultural Freedom (IACF), em 1967.¹⁶ Como órgão do CCF, o Ilari seguia o tripé que dera origem à fundação do Congresso, ou seja, produzir informação sobre o bloco soviético, servir de contrapeso às tendências neutralistas de vários países no âmbito da Guerra-fria e estabelecer laços de solidariedade intelectuais, incorporando também a ênfase desenvolvimentista e a aposta nas Ciências Sociais: uma forma de cooptação bastante estruturada de domínio cultural e intelectual.

Quando de sua criação, em 1965, as atividades do Ilari direcionaram-se para seis centros: Argentina, Chile, Peru, Paraguai, Uruguai e Brasil. Os planos eram de criar, também na Bolívia e no México, filiais do Instituto, sendo que a do México acabou não sendo concretizada, mas estabeleceram-se representações naquela cidade, em Bogotá e em Caracas.¹⁷

Para se ter ideia, foram publicados, através do Instituto, igualmente em 1965, 232 livros e 4 revistas, patrocinadas mais de 70 exposições de artistas e de escultores sul americanos, cerca de 50 mesas redondas de discussão, debates públicos e uma série de conferências sobre tópicos em cultura, política, economia e sociologia. Foram ainda estabelecidos: 1) 18 temas de pesquisa que envolveram investigações sociológicas em seis países; 2) criado um centro de estudos antropológicos e sociológicos no Paraguai; 3) criado um centro de documentação para pesquisa na Argentina; 4) organizados quatro grandes seminários no Uruguai, Chile, Argentina e Paraguai; 5) organizadas e financiadas turnês de conferências através da América Latina e Europa com "sete proeminente especialistas"; 6) financiados inúmeros concursos de contos, concursos artísticos, recitais de música e poesia, incluindo o primeiro concerto de música eletrônica na Argentina; 7) além de dois happenings. O Ilari teve ainda participação em três campanhas mundiais em apoio à perseguição de intelectuais na URSS, Yugoslávia e Espanha e publicizou as atividades do Instituto e do Congresso pela Liberdade da Cultura em centenas de artigos de jornais, programas de rádio, de televisão e *newsreel* pela América Latina.¹⁸

A ação do instituto procurava novos caminhos de investigações

assumindo a pesquisa em áreas que estavam sendo evitadas por outras entidades em função de seu potencial explosivo, como os estudos sobre o peronismo¹⁹ e o papel das Forças Armadas. Tais estudos deveriam ser feitos no sentido de construir ferramentas que pudessem ser utilizadas “por outros” para demolir as velhas estruturas²⁰, ou seja, modernizar a sociedade e a estrutura de Estado, numa avaliação de que a América Latina ainda vivia uma fase pré-industrial. Seria fundamentalmente implementar um projeto de modernização.

Foi nessa reunião, acontecida em Lima, que Mercier Vega havia anunciado que, em 1966, seria criada uma revista mensal em língua espanhola, sob a direção do uruguaio Emir Rodríguez Monegal, que substituiria a revista *Cuadernos*. Esta seguiria o modelo de outra já consagrada publicação financiada pelo CCF, a *Encounter. Mundo Nuevo*²¹, a ser publicada em Paris²², se dirigia ao público universitário, à nova geração de intelectuais latino-americanos e ao público educado.²³ Assim, no final da década de 1960, quando se inicia o desmonte do Ilari, além dos seus sete centros e três representações, o Instituto editava, em Paris, a revista trimestral de Ciências Sociais, *Aportes*; a revista mensal de cultura, *Mundo Nuevo*; o boletim de informações *Trabajos*; e a revista *Informes de China*. No Rio de Janeiro, a revista *Cadernos Brasileiros*, criada em 1959. Em Assunção, o Ilari bancava a *Revista Paraguuaia de Sociologia* e o *Suplemento Antropológico do Ateneu Paraguuaio*. Patrocinava ainda a edição de mais quatro revistas (no Uruguai, na Colômbia, na Venezuela e no Paraguai). O Ilari patrocinava também a Flacso de Assunção, auspiciava a coleção *Terceiro Mundo* e continuava mantendo um programa de colaboração com a editora Paidós, de Buenos Aires, e com a editorial Monte Avila, de Caracas.²⁴ No Paraguai, mantinha o Centro Paraguuaio de Estudos Sociológicos e o Centro de Estudos Antropológicos.²⁵

As “revistas amigas”, com as quais mantinha a alimentação de textos do CCF, eram *Temas*, de Montevidéo; *Alcor* e *Ondulo*, de Assunção; *Zona Franca*, de Caracas; e diversos semanários no Chile. Além disso, o Ilari fornecia, sistematicamente, material de notícias para emissoras de rádio e de televisão, e mantinha contratos com jornais como *El Mundo*, na Argentina; *Hechos*, no Uruguai; *La tribuna*, no Paraguai; *Presencia*, na Bolívia; *Comercio*, no Peru; *El Pueblo*, em Arequipa; e *El Oriente*, em Iquitos.

A mais importante revista financiada pelo CCF, a *Enconter*, havia ampliado as iniciativas de Vega com a publicação, em setembro de 1965, de um número especial sobre a América Latina, no que foi seguida pela *Daedalus*, em sua publicação de 1967.²⁶ Os esforços do Ilari vinham se somar a uma série de outras investidas no programa de incentivo às Ciências Sociais na América Latina, especialmente sob a égide da Unesco e da Ecla (Economic Commission for Latin America): a criação da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), inicialmente apenas sediada no Chile; o Ilpes (Instituto Latinoamericano de Planificación Económica e Social), sediado no Chile e pertencente à Ecla; e o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, ligado à Unesco e sediado no Rio de Janeiro, com a mesma direção da Flacso.²⁷ Além disso, várias fundações norte-americanas vinham canalizando verbas, muitas delas secretas, para programas na América Latina. Somente para o ano de 1967-68, a Ford teria destinado 16 milhões de dólares a vários projetos e financiamentos na América Latina. Cerca de \$160 000 dólares à Flacso, metade do destinado ao Ilari; \$909 000 ao Instituto Torcuato di Tella, de Buenos Aires; \$250 000 ao Colégio do México; e outro tanto à Fundação Getúlio Vargas, por exemplo. Verbas

²³ Logo após a publicação, em 27 de abril de 1966, da matéria do *New York Times* denunciando o CCF como braço da CIA, Rodrigues Monegal publicaria, em agosto de 67, na *Mundo Nuevo*, um longo artigo de 20 páginas colocando a posição da revista: “Mundo Nuevo condemns this action most energetically. It is not only that the CIA has tricked so many independent writers, but that it has tricked precisely those who have shown their independence in the face of fascism and Stalinism in times when it seemed almost impossible to utter a word. People like Silone, Spender, Malraux, or Oppenheimer, who have rejected the seduction of one dogma have been the involuntary victims of the maneuvers of the other. These revelations are painful, and they merely confirm the obvious: how difficult it is to win and keep your independence. The situation of the independent intellectual in the modern world is fraught with risk and misery. The writer or artist unwilling to say Amen or Heil, to sign where, when, and what he is told, to recite the catechism or the latest party line, is for that very reason exposed to the cruelest hoaxes. On one hand he is the victim of calumnies of the organized reactionaries -McCarthyite or Stalinist; on the other he is tricked by the CIA. Fortunately, while lies or dirty tricks can shape current opinion of a work of art or someone’s behavior, this is an ephemeral victory, because calumny cannot alter the quality and independence of the work of art itself. The CIA or the corruptors from other groups can pay independent intellectuals as long as the intellectuals don’t know about it. What they can never do is buy them outright. Disponível em <www.archivo-deprensa.edu.uy/r_monegal/entrevistas/entrev>. Acesso em 23 fev. 2010.

²⁴ IACF, box 13, series VI.

²⁵ IACF, box 21, series VI.

²⁶ Apesar da insistência do editor da revista *Daedalus*, Celso Furtado recusou o convite de participar, pois estava revisando dois de seus livros e preparando um novo sobre América Latina para publicação em francês. In: IACF, box 6, series 6. Paris, 19 de setembro de 1966. Carta de Celso Furtado a Stephen R. Graubard.

²⁷ BARTLEY, Russel H., *op. cit.*, p. 600 e 601.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 602-604.

²⁹ IACF, box 12, series IV. Um quadro comparativo pode ser feito a partir do relatório do CCF sobre o recebimento de dinheiro de várias fundações (Fairfield e Rockefeller, além de outras doações), acompanhado do montante enviado aos diversos comitês e escritórios internacionais (21, em 1955). IACF, box 11, series IV.

³⁰ Uma outra importante conferência foi realizada em Bruxelas (*The Brussels Conference of European Latin Americanists*), em maio de 1969. Cf.: VINE, Katharine. The Brussels Conference of European Latin Americanists, may 1969. *Latin American Research Review*, v. 5, n. 2 (Summer 1970), p. 99 e 100.

³¹ SEYMOUR, M. Lipset & SOLARI, Aldo. *Elites in Latin America*: Oxford University Press, 1967.

³² GRÉMION, Pierre. *Intelligence de l'anticommunisme*: Le Congrès pour la Liberté de la Culture à Paris (1950-1975). Paris: Fayard, 1995, p. 554.

³³ V. ensaio de KASAHARA, Kasahara. Qual democracia? O uso de referenciais normativos em estudos comparativos sobre política comparada. Disponível em virtualbib.fgv.br/20003. Kasahara. Democracia, *acess* Dependente direta do órgão da ONU, a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal). Acesso em 7 jul. 2010.

³⁴ Dependente direta de órgão da ONU, a Cepal.

³⁵ Daí o financiamento da Unesco para a criação da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso).

³⁶ IACF, box 6, series VI. Berkeley, 1 de junho de 1965. Carta de S.M. Lipset a Jonathan Lane.

³⁷ Na introdução de livro de Lipset e Solari é dito que: "a suposição fundamental deste livro é que os fatores que influenciam a capacidade das elites desempenham um papel principal para determinar a tendência de distintos países ao crescimento econômico e à estabilidade política, e que vale à pena considerá-los em profundidade sem ter em conta a importância de outras variáveis". Cf.: LIPSET, S. M. e SOLARI, A.E. (compiladores). *Elites y desarrollo en América Latina*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1971, p. 10.

também foram canalizadas à LASA (\$100 000) e a uma infinidade de atividades universitárias e instituições universitárias ligadas à América Latina nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.²⁸

Financiado pelo CCF e pela Fundação Ford²⁹, sob os auspícios da Universidade de Montevidéu e da Universidade da Califórnia, um seminário sobre o estudo das elites foi organizado pelo Ilari em junho de 1965 na capital uruguaia³⁰, cujos resultados, na forma de livro, foram primeiramente editados pela Oxford University Press.³¹ Era o primeiro grande encontro universitário organizado pelo Instituto desde sua criação.

Do ponto de vista teórico, a organização do seminário, como observou Pierre Grèmond³², era a aceitação conceitual da autonomia das elites, fundada em um ramo de investigações nas Ciências Sociais: a do desenvolvimento político comparado, preocupado com os estudos de implementação das democracia e da estabilidade política. A atuação desta estratégia era centrada nos domínios da economia, da sociologia e da ciência política e pretendia tornar o estudo do fenômeno político mais objetivo, e voltado para a análise do comportamento e das possibilidades dos atores políticos.³³ Era a partir daí a sustentação que seria dada aos projetos que apostavam nas elites latino-americanas como capazes de conduzir o desenvolvimento econômico e a modernização social. Essas novas elites intelectuais contariam com o apoio institucional da Unesco, do Ilpes³⁴ e da Fundação Ford.³⁵ No encontro de Montevidéu, como seria também de praxe no apoio às publicações, financiamento de pesquisas e demais atividades intelectuais, a intenção dos organizadores era a de dar ao encontro ares de completa independência acadêmica.

S. M. Lipset, naquela época ainda na Universidade de Berkeley, na Califórnia, manifestava a Jonathan P. Lane, pesquisador nas embaixadas dos Estados Unidos em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, e que pretendia participar do seminário, que temia pelos efeitos que poderia trazer a presença de um membro oficial do Departamento de Estado. Sugeriu ainda que Lane não fizesse contato com ele em Montevidéu, mas que esperasse por seu telefonema quando ele, Lipset, estivesse no Rio de Janeiro.³⁶ As observações de Lipset faziam parte deste clima de independência acadêmica e intelectual que se pretendia criar em Montevidéu.

A estratégia adotada pelo Ilari no recrutamento dos participantes do seminário no Uruguai é que estes deveriam estar filiados à perspectiva liberal, apresentar excelência acadêmica, ter abertura internacional e capacidade de criação institucional.³⁷ Participaram do Congresso, além do sociólogo norte-americano Lipset e de Aldo Solari: Luis Ratinno, Robert E. Scott, Ivan Vallier, Frank Bonilla, Irving Louis Horowitz, Aníbal Quijano Obregón, Henry A. Lansberg, Aparecida Joly Gouveia, Luiz Scherz Garcia, Kenneth N. Walker e os brasileiros Darcy Ribeiro, Fernando Henrique Cardoso e Glaucio Ary Dillon Soares. Dos participantes brasileiros no Congresso, em 1961, Fernando Henrique Cardoso seria futuramente diretor adjunto do Ilpes (1964-1967), e Glaucio Soares, diretor da Flacso no Chile (1965-1968).

O expressivo apoio ao campo das Ciências Sociais vinha, principalmente, em função do entendimento de que o desenvolvimento econômico era o caminho seguido pela democracia, como enfatizavam Raymond Aron e Arthur Schlesinger em trabalhos que se tornaram uma espécie de guia intelectual para as iniciativas do CCF.³⁸ Nessa trilha, o Ilari havia mantido significativa colaboração com instituições de pesquisa como os centros de

Ciências Sociais de Bogotá, Rio de Janeiro e Lima e o CELADE (Divisão de População da Cepal). Pelo menos no Brasil, o Centro Latino-Americano de Investigações em Ciências Sociais da Unesco (1957), com sede no Rio, se juntava aos esforços do Instituto em fazer levantamentos sobre as investigações em Ciências Sociais.³⁹

Os gastos do Ilari refletiam uma agenda cheia de compromissos e de um certo glamour: uma imagem padrão que o Instituto pretendia dar à sua empreitada, a exemplo das demais atividades do CCF. A composição de seu Conselho Assessor dava conta da magnitude intelectual que se pretendia ter: Gino Germani, Aldo Solari, François Bourricard, Peter Heinz, Seymour Lipset, Daniel Cosío Villegas, Jorge Basadre, Jacques Freymont, Luis Ratinoff, Orlando Fals Borda, Albert Hirschman, Juan Lizcano e Pedro Lain Entralgo.⁴⁰

Era intensa a programação de encontros e seminários a partir da definição de dilemas fundamentais latino-americanos. A cada ano o Instituto fazia um detalhado planejamento dessas atividades⁴¹, seus seminários, encontros e publicações, bem como selecionava temas que deveriam ser abordados com a finalidade de incentivar os grupos de trabalho, o intercâmbio e, ao mesmo tempo, criar uma agenda de estudos entre a intelectualidade, concentrada, em sua maior parte, nas universidades. Eram altas as aspirações projetadas para o Ilari. Referindo-se aos estudos sobre peronismo que pretendia promover, em 1965, por exemplo, Vega afirmava que era possível que um novo método no estudos de problemas políticos e sociais pudesse ser introduzido.⁴²

Para o ano de 1969, os temas prioritários escolhidos para os grupos de trabalho intelectual do Ilari foram sete: 1) Universidades e movimentos estudantis; 2) migrações; 3) Grupos empresariais; 4) Estruturas de poder e partidos políticos; 4) Forças Armadas; 5) Papel do Estado, sindicatos e trabalhadores; 7) Oligarquias.

Para cada um desses grupos havia sido designado um coordenador: Aldo E. Solari para o das universidades; Mário Margulius para o das migrações; V. R. Beltran para o das Forças Armadas; Domingo M. Rivarola para o de estrutura de poder e partidos políticos; Francisco Bourricard para o de oligarquias; Fernando Henrique Cardoso para o de grupos empresariais; E. Pinillas de Iñás Heras para o de sindicatos e trabalhadores; e Marcos Kaplan para o relativo ao papel do Estado.⁴³ Esses grupos representavam uma continuidade dos trabalhos anteriores desenvolvidos pela seção latino-americana pós-revolução cubana. O núcleo brasileiro, por exemplo, tinha, desde 1964, grupos sobre reforma universitária, partidos políticos, sindicalismo no Brasil, imprensa brasileira e o papel do Exército na civilização brasileira.⁴⁴ No segundo semestre de 1969, já na época de crise de financiamento, três encontros importantes foram planejados pelo Ilari. Entre 5 e 7 de setembro, no Rio de Janeiro, houve um seminário para discutir o problema universitário na América Latina. Segundo os relatórios da instituição, seria um seminário de partida para uma série de estudos sistemáticos sobre o continente. Os participantes eram Florestan Fernandes, de São Paulo, Jorge Graciema, de Montevideu, Jean Labbens, chefe da missão da Unesco no Brasil, Aldo Solari, da Cepal, e Domingo Rivarola, secretário geral do programa Especial do Ilari.⁴⁵

Naquele mesmo mês, Richard Morse, Charles Wagley e Kalman Silvert, reuniram-se em Nova York, no Center of Interamerican Relations, para preparar o seminário sobre as Estruturas e Funcionamento dos Par-



³⁸ ARON, Raymond. *Démocratie e Totalitarisme*. Paris: Folio Essais/Gallimard, 1965; dele também *O ópio dos intelectuais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980. Ainda SCHLESINGER JR, Arthur M. *The vital center. the politics of freedom*. USA: DaCapo, 1988.

³⁹ Há um documento bastante elucidativo da cooperação do Ilari com o centro Latino-americano no Rio. Dawin J. Flackoll, que havia trabalhado no Departamento de Estado como segundo secretário nas Embaixadas de Montevideu e Buenos Aires, entre 1958 e 1962, e que agora estava em Paris, escreveu uma longa carta de agradecimentos a Jean Casimir, diretor do Centro, em nome dele próprio e de Louis Mercier Vega e do Ilari. Na correspondência, detalhes sobre as relações entre ambas as instituições. IACF, box 5, series VI. Paris, 27 dez. 1965.

⁴⁰ IACF, box 8, series VI.

⁴¹ Cada centro do Ilari tinha também como responsabilidade formar um centro de documentação, reunindo material estatístico, analítico, interpretativo e informativo referente ao respectivo país, em especial sobre questões relacionadas com os temas consignados. Em 1969, já existiam dois centros de documentação: na Argentina e no Paraguai. IACF, box 13, series VI.

⁴² IACF, box 5, series VI. Carta de Louis Mercier Vega a Horacio D. Rodriguez, Centro Argentino por la Cultura em Buenos Aires, 12 out. 1965.

⁴³ IACF, Box 13, series VI.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ Intensa parceria que se estabelece entre Richard Morse e Emir Monegal em Yale a partir de 1968. Ver <http://www.archivodeprensa.edu.uy/r_monegal/criticos/>. Acesso em 2 ago. 2010.

⁴⁸ IACF, box 13, series VI.

⁴⁹ Jacques Lambert, de Lyon; François Bourricard, Sorbone; A Steger, Munster; A Von Gleich, Hamburgo; H. Blakemore, Londres; Magnouns Morner, Estocolmo; M Lizacano, Espanha; Van Zantwijk e Van Hierkerk, de Amsterdam; Gino Germani, da Argentina; Aldo Solari, do Uruguai; e Domingo Rivarola, do Paraguai. Kalman Silvert, de Nova York; Andre Corten, de Lovain; Ricardo Campa, da Itália; e o próprio Louis Mercier Vega.

⁵⁰ Ver, por exemplo, correspondência trocada entre Mercier Vega e Marion Biber sobre o encontro em educação em função do desenvolvimento econômico financiado no Chile, em 1962, pela Cepal, Unesco e FAO. IACF, box 01, series VI. Paris, 30 jan. 1962, carta de Vega a Marion Biber.

⁵¹ Três dias no Rio e um em São Paulo; três em Buenos Aires; quatro em Santiago; três em Lima e dois em Macchu Picchu; três em Bogotá; e quatro em Caracas. Os hotéis: Copacabana Palace, no Rio; City Hotel, em Buenos Aires; Carrera, em Santiago; Bolivar, em Lima; Tequendama, em Bogotá; e Tamanaco, em Caracas. IACF box 13, series VI.

⁵² Como as feitas em sua estada no Brasil, como registrado em "Jean Labbens: chefe da missão da Unesco no Brasil. Francês, colaborador de *Aportes* e autor de tese sobre o mundo católico e um livro recente sobre o Quarto Mundo. Católico liberal. (Amigo de Aldo Solari, Domingo Rivarola e Louis Mercier); Nascimento Brito: Diretor (e proprietário) do Jornal do Brasil. Fala inglês e francês. Ligado a Agustin Edwards; General Golbery do Couto e Silva; Escola Superior de Guerra. "Cabeça Pensante" das Forças Armadas Brasileiras. Autor de *Geopolítica do Brasil* (os três poderão ser contatados por intermédio de Vicente Barretto); Candido Mendes de Almeida: reitor da Universidade Cândido Mendes (nome fornecido por

tidos Políticos na América Latina, que deveria ocorrer no ano seguinte.⁴⁶ Nessa época, Morse já havia iniciado sua parceria intelectual com Emir Rodriguez Monegal em Yale, marco importante para a promoção do "boom" da literatura latina americana.⁴⁷ Vega acertaria também a colaboração de Carlos Fortin e Marcos Kaplan para dirigir trabalhos em dois temas considerados prioritários: os partidos políticos e o papel do Estado como proprietário e como empreendedor.⁴⁸

No primeiro semestre de 1969, havia sido igualmente organizado pelo Ilari um encontro em Bruxelas com 18 representantes de centros europeus dedicados à pesquisa em Ciências Sociais sobre a América Latina.⁴⁹ A agenda de seminários e encontros do Ilari ainda era complementada pela própria agenda de Congressos do CCF, administrada diretamente de Paris por Marion Bieber. No período em que esteve à frente da organização de congressos no CCF, Bieber organizou cerca de 30 encontros internacionais. Além disso, a interação com a Cepal, a Unesco e a FAO fazia com que o instituto tivesse sempre à frente das principais iniciativas relacionadas às Ciências Sociais na América Latina.⁵⁰

As tournées internacionais eram uma constante entre os colaboradores. Mercier de La Vega, por exemplo, realizava pelo menos uma tournée por ano para visitar os centros do Ilari. No ano de 1969, sua viagem foi de 50 dias, privilegiando sempre a hospedagem em hotéis de primeira classe.⁵¹ Mercier de La Vega dava grande importância aos contatos, tanto dele como de todos os convidados ou integrantes do Ilari.⁵² Clarival Valladares, componente da equipe brasileira do Centro, por exemplo, teve uma turnê africana, devidamente assessorada, quando aquele continente e os estudos africanos passaram a ser prioridade no Congresso pela Liberdade da Cultura.⁵³ Havia também a programação anual de "giras" que envolviam o *staff* e os convidados.

Todo o tipo de trabalho intelectual veiculado ao CCF e ao Ilari era pago. Para a coordenação de um dos núcleos temáticos da revista *Aportes* e por um artigo, por exemplo, Aldo Solari recebera US\$ 600 em 1966, cerca de 3 ou 4 mil dólares hoje. Um artigo normalmente era remunerado em US\$ 150.⁵⁴

Arejamento intelectual e descompasso com as ditaduras

A crise por que passava o Ilari no final da década de 1960 se faria sentir nos vários centros e nas atividades mantidas pelo instituto. Negativas sistemáticas de repasse de verbas secretas da CIA, especialmente através de fundações, acabaram por provocar um colapso no instituto. No Rio de Janeiro, em fins de dezembro de 1968, logo após o longo relatório de atividades que havia remetido em setembro pelo editor da *Cadernos Brasileiros*, Vicente Barretto⁵⁵, Thereza Marinho, responsável pela administração financeira da sede brasileira, pedia a Louis Mercier Vega que considerasse a possibilidade de um acréscimo de US\$ 4.000 na subvenção do primeiro semestre de 1969 para que fossem pagos os débitos em aberto do centro. A correspondência nesse sentido havia se tornado constante.

No caso do Rio, o fato era ainda agravado porque o centro brasileiro, quando sob a supervisão e coordenação diretas do Ilari, tornara-se muito mais dinâmico do que anteriormente. Até 1962, assim como em outros centros na América Latina, a ênfase anti-comunista que havia sido impressa aos trabalhos limitava a repercussão intelectual dos esforços do CCF. No Rio de Janeiro, a secção que ao longo de sua história foi sempre presidida

por Afrânio Coutinho, tinha a coordenação direta do romeno Stefan Baciú. Jornalista e intelectual, Baciú acabara sendo removido do posto nessa nova fase iniciada em 1961, pois seu posicionamento era demasiadamente anticomunista. Desde a saída de Baciú, até 1970, foi o jovem Vicente de Paulo Barretto quem imprimiria o novo rumo das atividades no centro e, por conseqüência, na *Cadernos Brasileiros*. Além dele, compunham a nova equipe de base: Garrido Torres, Guimarães Padilha, Nuno Veloso, Nélida Piñon e Luiz Orlando Carneiro. Um pouco mais tarde, Cláudio Valladares e Kátia Valladares.⁵⁶

A própria biografia de Vicente Barretto aponta para a celeridade de que se revestira o grupo de trabalho. Em atividade acadêmica ainda hoje, Barretto formou-se em Direito pela Universidade da Guanabara, em 1962, e, logo depois da dissolução do Ilari, ocupou vários cargos como membro de conselhos nas áreas editorial, jornalística e de educação, não se privando de ter seguido a carreira universitária (Cândido Mendes, UnB, Uerj e Unisinos)⁵⁷, além de ter participado, como membro do conselho editorial, da Editora da Universidade de Brasília, na época de maior profusão de publicações internacionais, área na qual ela se destacou.

Num tempo em que as universidades ainda não haviam se adaptado aos padrões institucionais norte-americanos e europeus, o instituto financiava publicações, montava grupos de estudos dirigindo uma agenda de assuntos considerados relevantes, como já vimos, enviava material de seminários internacionais⁵⁸ e seguia de perto as propostas que deveriam desencadear a reforma universitária.

No que se refere ao Brasil, a avaliação de Barretto a respeito do ensino superior, era a de que, mesmo depois do golpe de 1964, o governo Castelo Branco “continua na universidade a mesma política do academicismo [...] as universidades não existem socialmente e não contribuem para o desenvolvimento nacional [...] isto é mais importante do que o dilema: comunismo e anti-comunismo”.⁵⁹ Vicente Barretto tratava de publicar livros de Ballandier (inclusive África Ambígua) e iniciar a coleção Terceiro Mundo (Tiers Monde), em colaboração com a Editora Letras e Artes⁶⁰, a partir de dois livros publicados pela Sur na Argentina: *600 milhões de chineses*, de Robert Guillain; e *O mundo árabe atual*, de Morroe Berger.

A coleção da Sur, na Argentina, além dos títulos escolhidos para o Brasil, publicara *Vietnam do Norte: do colonialismo ao comunismo*, de Hoang van Chi; *Civilização chinesa e burocracia*, de Etienne Balasz; *Estrutura política do Peru*, de François Bourricaud; *O milagre japonês*, de W.G. Beasley; *Classes e poder na América Latina*, de Louis Mercier Vega; e *Retrato de um índiano incomum*, de Chaudhri. Os títulos seriam uma resposta ao interesse dos intelectuais latino-americanos sobre os problemas do Terceiro Mundo largamente explorados pela propaganda soviética, chinesa e castrista.⁶¹

Houve ainda, a partir de 1967, uma outra coleção publicada sob o controle do Ilari: *Pensamento político do século XX*, da Joaquín Mortiz, da Cidade do México, que privilegiava a elite intelectual selecionada pelo CCF: George Orwell, John Dewey, Raymond Aron, Simone Weil, Karl Jasper, Ignazio Silone e Salvador de Madariaga.⁶² Seguindo o rastro de fazer frente à “exploração soviética, castrista e chinesa” sobre os problemas do terceiro mundo, um importante papel era atribuído à publicação de *Aportes*. A revista obedecia a política de montar agendas intelectuais de aprofundamento e questionamento intelectual com vistas à modernização e à internacionalização.

K.H. Silvert (1921-1976); Israel Kablin: industrial (1926); e F.F. Carmichaël F.F.; Office”. IACF, box 21, series VI. Sociólogo e cientista político, K.H. Silvert passou por diversas universidades norte-americanas, inclusive Tulane. Estudioso da América Latina, especialmente do Chile, Guatemala e Argentina. Foi o primeiro presidente da Latin American Studies Association (LASA) em 1967. Já Augustin Edwards importante empresário chileno, dono do jornal El Mercurio é acusado de ter recebido apoio da CIA para a derrubada de Allende.

⁵³ IACF, box 5, series VI. Paris, 30 dez. 1965, carta de Louis M. Vega a Vicente Barretto.

⁵⁴ *Idem*, Paris, 20 de julho de 1966, carta de Louis Mercier Vega a Aldo Solari.

⁵⁵ Entre setembro de 1967 e outubro de 1968, haviam sido editados seis números da revista *Cadernos Brasileiros*, os livros *80 anos da abolição e Aspectos do desenvolvimento nacional*, além de uma mesa-redonda sobre O negro brasileiro (Abdias do Nascimento, Clarival Valadares, Edson Carneiro, José Correia Leite, Oscar de Paula Assis, Raimundo de Souza Dantas e Sebastião Rodrigues Alves), um ciclo de conferências sobre Marx e Marcuse (Alberto Coelho de Souza, Carlos Henrique de Escobar, Chaim Samuel Katz, Francisco Antônio Dória, Luciano Zajdnajder) e os debates A propósito de Panamérica (José Batista), Villa-Lobos: Modernismo Radical e Nova Bossa (Airton Lima Barbosa e Nelson Motta Filho), Qual o papel da Igreja no Brasil (vários participantes), mais o Desafio da juventude (Francisco Antônio Dória, Ângelo Aquino), O desafio americano (Nelson Mello e Souza) e a Tcheco-eslováquia e a renovação do socialismo.

⁵⁶ VANDEN BERGHE, Kristine. *Intelectuais y anticomunismo: La revista “Cadernos Brasileiros”*. Leuven: Leuven University Press, 1997, p. 55.

⁵⁷ Foi vice-diretor da Faculdade Cândido Mendes, de 1971 a 1976. De 1978 a 1984, professor da Universidade de Brasília, e fez parte do conselho editorial da editora da UnB, tendo sido um dos responsáveis pela revista Humanidades, outra ponta de lança de intelectuais. Entre 83 e 85 foi Editor do *Cadernos*

Especial do Jornal do Brasil, editoralista do mesmo jornal em 1983, secretário municipal do Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro (1980-1983) e membro do conselho de curadores da Uerj, entre outros cargos e atividades. Publicou três artigos nos *Cadernos Brasileiros*: A presença militarista. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, nov.-dez., 1967., A crise da cultura alienada. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, mar.-abr., 1967, e Por uma política cultural democrática. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, maio-jun. 1970.

⁵⁸ Material que variava desde a Conferência sobre historiografia comunista na China, de James Harrison, a apreciação comunista chinesa do neo-confucionismo, de Helmut Wilhelm, até o debate sobre ensino superior na sociedade rural, realizado em Khartoum. IACF, box 5, series VI.

⁵⁹ IACF, box 5, series VI. Rio de Janeiro, 9 de abril de 1965. Carta de Barretto a Louis Mercier Vega.

⁶⁰ IACF, Box 3, series VI.

⁶¹ IACF, Box 23, series, VI.

⁶² *Idem*.

⁶³ IACF, box 8, series VI. Cambridge, 20 abr. 1966. Carta de Gino Germani e Mercier de La Vega.

Em abril de 1966, quando já se instalara em Cambridge, como professor de Harvard, Gino Germani, de certa forma responsável pela modernização da área de sociologia na Argentina, sugeria um número especial da *Aportes* dedicado à esquerda na América Latina. Segundo ele, as perguntas a serem respondidas pelos colaboradores, eram as seguintes:

Em que medida as esquerdas (quer dizer, as várias esquerdas) servem efetivamente aos propósitos que aparentemente as guiam, quer dizer, obter uma transformação das sociedades latino-americanas (moderada ou extrema, com meio pacíficos ou violentos, etc.). Isto é, qual é a eficiência das esquerdas (medida sobre as bases de seus próprios propósitos e fins?);

Em que medida pode dizer-se que as várias esquerdas compreendem a realidade latino-americana? Não será possível que o mesmo defeito que vários grupos de esquerda atribuem à direita – não entender a própria realidade nacional, valer-se de fórmulas estrangeiras, colonialismo intelectual, etc. – afeta também às esquerdas ou algumas delas, no sentido de que se limitam a aplicar fórmulas ideológicas criadas em outras partes (Rússia, China, etc.) sem preocupar-se maiormente com o conhecimento real de suas sociedades?

No caso em que se segue à conclusão da pouca eficiência e realismo das esquerdas, quais podem ser as causas? E, em casos contrários (exemplo de esquerdas exitosas, desde o ponto de vista de acesso ao poder, como em Cuba), quais os fatores que poderiam ser invocados para explicar o êxito?

Quais são os efeitos reais da ação das esquerdas, desde o ponto de vista dos avanços e transformações das sociedades latino-americanas? Em que medida o (possível) irrealismo, ou falta de sentimento de realidade, de conhecimento da realidade nacional, etc. pode transformar-se em um obstáculo para a realização de reformas necessárias? Em que medida pode ser correta a hipótese de que – sob a fraseologia revolucionária e pró-mudanças, se mantêm muitas das velhas atitudes de tipo tradicional (por exemplo o ‘anticientificismo’ da parte das esquerdas atuais, poderia ser uma expressão do anti-tecnicismo, anti-racionalismo, e afirmação dos valores humanísticos, típica dos intelectuais latino-americanos desde o século passado).⁶³

Nas sugestões de Gino Germani transpareciam as críticas à esquerda que norteavam os trabalhos de Raymond Aron: a modernidade que se definia pela liberdade política e pelo parlamentarismo; hoje se define pela industrialização e pelo planejamento, ou seja, a democracia viria apenas com o desenvolvimento e a modernização.

As atividades do Ilari eram uma espécie de demonstração de como a estratégia de combate ao comunismo e a aproximação com a nova esquerda, de acordo com as premissas do CCF, vinham sendo tomadas. Em 30 de dezembro de 1965, por exemplo, Vega escrevia a Vicente Barretto não só solicitando sua ida urgente a Paris para resolver problemas concernentes aos *Cadernos Brasileiros*, às atividades do centro brasileiro e à sua vinculação com o Ilari, bem como, a pedido de John Hunt, sugeria que, além de uma *tournee* europeia, Barretto passasse por Havana a fim de ter uma experiência pessoal do regime cubano. Mercier ainda solicitava o envio de uma lista de 20 a 30 pessoas que deveriam receber a revista católica portuguesa antissalazarista, *O tempo e o modo*. Como favor, solicitava o envio de duas cópias da tese de Florestan Fernandes sobre a integração das populações de origem africana na sociedade industrial de São Paulo. Sobre a invasão de polícia no campus da UnB, em outubro de 1965, Mercier de La Vega

pedia que Vicente Barretto enviase documentos sobre a posição da Reitoria e dos professores incriminados para que pudesse tomar uma posição.⁶⁴

Na avaliação de Barretto, *Cadernos Brasileiros* deixara de ser uma revista paroquial para transformar-se em uma publicação de alto nível cultural, aberta, consciente, viva, moderna: eram suas palavras. Foi o próprio Vicente Barretto quem, em 1964, preparou um relatório sobre as atividades do CCF no Brasil e enfatizou o esforço que estava sendo feito em procurar desfazer os preconceitos na opinião contra o Congresso e a Associação Brasileira. Se em 1963 fora intensa a campanha contrária que sofreram dos comunistas⁶⁵, “a Revolução de 1964”

*ajudou-nos a desfazer o equívoco pela posição que assumimos de defesa da liberdade: começou o degelo [...] com a simpatia geral pela revista, opinião favorável, aproximação com intelectuais, inclusive de esquerda [encontro de intelectuais brasileiros], em outubro, com evidente mudança. Em lugar de reação, sente-se que somos olhados com simpatia e interesse pelo que possamos realizar.*⁶⁶

Se de um lado havia o total engajamento das atividades do Congresso pela Liberdade da Cultura e do Ilari na guerra cultural e uma espécie de coordenação de suas agendas com o Departamento de Estado norte-americano, a postura mais arejada em relação ao anticomunismo vinha trazendo problemas aos centros, especialmente no Cone Sul, onde se instalavam as ditaduras militares. Em 1969, a *Preuves* havia publicado parte do livro de Mercier de La Vega sobre as guerrilhas na América Latina.⁶⁷ Em uma conversa oficiosa com o general Andrade Muricy, Afrânio Coutinho foi advertido de que se *Cadernos Brasileiros* publicasse o trabalho de Vega, a revista seria fechada. Além do mais, o Centro havia recebido a visita de dois agentes do DOPS, em função de uma denúncia anônima sobre a publicação de textos e artigos de caráter subversivo, razão pela qual a Galeria Goeldi estava evitando apresentar todo tipo de arte tido como de contestação, “impossível de mostrar no momento”.⁶⁸

No que se refere às artes plásticas, o sentido de vincular a arte moderna, particularmente a abstrata, à nova linguagem creditada a um mundo livre era um ponto-chave para as galerias mantidas pelo Ilari. O relatório do Rio de Janeiro deu ênfase às atividades da Galeria Goeldi, que realizara, além de exposições individuais de duas semanas de 21 artistas nacionais e três latino-americanos, debates e manifestações de artistas plásticos contra a censura da Polícia Federal à Bienal de São Paulo de 1967.

Começara a haver certo descompasso entre as políticas do CCF e os regimes ditatoriais que se instalavam na América do Sul, ainda que com apoio logístico e político dos Estados Unidos. A apreciação que Vicente Barretto fez da queda de Goulart no ano de 1964 apontava no sentido de creditar o final do governo ao apoio civil obtido pelos militares, através da crítica à inépcia do governo, às alianças feitas por Goulart (comunistas e peronistas), ao fato de o governo ter ignorado os apelos das classes populares representadas pelos militares, e ao crescente desagrado popular. Barretto enfatizava ainda o caráter revolucionário do novo governo, que tomou medidas radicais, mas que igualmente estaria limitando-se juridicamente através de Ato Institucional.⁶⁹ Da mesma forma, embora a ênfase a uma aproximação com as esquerdas se fizesse presente, uma carta escrita por Mercier de La Vega, em 1962, dizia que, “de maneira muito oficiosa, estava tratando de “liquidar” o sociólogo e historiador

⁶⁴ IACF, box 5, series VI. Paris, 20 de outubro de 1965.

⁶⁵ Barretto remete recorte do jornal *Última Hora* a Louis Mercier Vega, no qual o congresso havia sido atacado como comunista. IACF, *idem*. Rio de Janeiro, 7 maio 1964. Carta de Vicente Barretto a Mercier Vega.

⁶⁶ IACF, *idem*. As atividades do Congresso no Brasil, 1964.

⁶⁷ Em 1969, Mercier publicou *Roads to Power in Latin America* e *Guerrillas in Latin America: the technique of the counter-state*, ambos pela Pall Mall de Londres. Como organizador, *Fuerzas armadas, poder y cambio*, pela Tiempo Nuevo, em Caracas, em 1971.

⁶⁸ IACF, box 13, series VI. Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1969. Carta de Clarival Valladares a Vega.

⁶⁹ *Idem*. Rio de Janeiro, 7 de maio de 1964. Carta de Vicente Barretto a Mercier de La Vega.

⁷⁰ IACF, box 22, series VI. Montevideu, 5 de novembro de 1962, carta de Louis Vega a Ignacio Iglesias. Secretário editorial da Cuadernos e de Mundo Nuevo, como La Vega, integrante do POUM, Iglesias faz os seguintes comentários: “te direi, com seriedade de asno, que o doutor Fidel Castro é ‘o primeiro líder do mundo de um partido comunistas que não é comunista’. Algo assim como um peral que dá maçãs”.

⁷¹ IACF, box 5, series VI. Paris, 31 mar. 1965. Carta de Louis Mercie de la Vega a Vicente Barretto; e Rio de Janeiro, 19 mar. 1965. Carta de Vicente Barretto a Mercie de La Vega.

⁷² Ver recibo de pagamento 40 dólares daquele ano. The Chase Manhattan Bank. IACF, box 27, series VI.

⁷³ Compunham a solicitação oito itens: sumário do progresso feito através de concessões anteriores, proposição de novas atividades na Europa, expansão de atividades no Oriente Médio; programa para a África, novos desafios para a América Latina, três projetos especiais internacionais e orçamento. IACF, box 12, series IV. Application for Grant to Cover Program of International Activities.

⁷⁴ IACF, box 26, series VI. Correspondência de 1 dez. 1969.

⁷⁵ IACF, box 25, series VI. Re-partition n. 13 e n. 1.

⁷⁶ IACF, box 01, series VI. Rio de Janeiro, 13 nov. 1961.

Carlos Rama. Sua esposa, Judith Rama, acabara de realizar um giro pelos países da cortina de ferro e seus dois irmãos, Angel e German, “parecem seguir o mesmo caminho”⁷⁰

Na adequação dos trabalhos do Ilari com a agenda do Departamento de Estado norte-americano, por ocasião do convite feito à jovem Nélide Piñon pelo governo norte-americano para passar dois meses em Nova York com o objetivo de estabelecer contatos intelectuais e mais um mês em viagem pelos Estados Unidos para visitar os principais centros culturais do país, o Ilari se dispôs, a pedido de Vicente Barretto, a subvencionar a escritora em uma semana de estada na cidade do México, além de oferecer-lhe os contatos de Luiz Guilherme Piazza, do diretor da Fairfield Foundation, John Thompson, em Nova York, e de Stephan Graubard, editor da *Daedalus* e de Emir Rodriguez Monegal.⁷¹ Em 1966, Piñon seria correspondente da *Mundo Nuevo* no Rio de Janeiro.⁷²

A preocupação com o financiamento de atividades era uma constante no cotidiano do CCF. Em 1959, num pedido suplementar de fundos de meio milhão de dólares direcionado às atividades internacionais enviado à Ford Foundation, à Catherwood Foundation, à Fairfield Foundation, à Homes Foundation, ao Miami District Found, à Rockefeller Foundation e à Kuenstlerbund da Alemanha, entre outras, Michael Josselson, secretário administrativo do CCF, chamou atenção das fundações para o sucesso e importância das atividades do CCF⁷³, além do fato de ter acrescentado à sua argumentação que todas as contas do CCF eram auditadas pela Price Waterhouse & Co. No caso do Ilari, entretanto, anos depois, além da complexa situação que a intolerância dos regimes ditatoriais trazia a vários países da América do Sul, pesava também a drástica diminuição na receptividade de suas duas principais publicações.

Em 1969, Thereza Marinho, gerente financeira no Rio de Janeiro, informou a M. Fabras, da *Aportes*, que a Livraria Veritas, de Porto Alegre, estava solicitando a suspensão do envio de *Mundo Nuevo* e de *Aportes* pelo simples fato de ambas não venderem.⁷⁴ A decadência na receptividade das publicações era notória. Em 69, a tiragem da *Mundo Nuevo* era de 4 mil exemplares. A Argentina, onde o periódico era agora editado, era o país que registrava a saída de uma maior número de exemplares: 576. Em seguida, o Peru: 526. No Brasil, somente 113 exemplares circularam. Era um contraste com o primeiro número da revista: 6 mil exemplares rodados e bem recebidos. Deles, na Argentina circularam 1.148 volumes. No Brasil, não haveria muita alteração: o primeiro número teve um escoamento de apenas 116 volumes⁷⁵, mas, é claro, havia aqui a *Cadernos Brasileiros*.

Na verdade, a denúncia de que o CCF e, por consequência, o Ilari estivessem ligados à CIA fazia com que as fontes financeiras comesçassem a secar. Se anteriormente, no início da década de 1960, era possível bancar facilmente iniciativas como o festival de música clássica do Rio de Janeiro⁷⁶, no final da década de 1960 a realidade já se mostrava diferente. Foi sintomática a carta que Hundt escreveu a Mercier Vega, em 13 de maio de 1966, logo depois de ter estourado o escândalo no *New York Times*, esclarecendo sobre o financiamento do Ilari. O dinheiro para financiar o programa na América Latina, desde que Vega havia assumido, havia vindo da Fundação Ford, da Fundação Fairfield, da The Charles E. Merrill Trust e da The Whitney Trust, além de uma doação da Fundação Hoblitzelle, particularidade que havia permitido estabelecer uma série de exposições de pintura. Em 1966, as fundações que financiavam o CCF para poder



repassar o dinheiro ao Ilari eram: a Fundação Ford, The Charles E. Merrill Trust e The Whitney Trust.⁷⁷

A nova fase com cortes financeiros era ainda agravada pelo fato de que alguns países começaram a adequar os padrões universitários e, assim, iniciativas centralizadas na Europa, como o caso do Ilari, não faziam mais sentido. No Brasil, o governo militar fez a reforma universitária de 1968, cristalizando um novo tipo de ensino universitário e um novo padrão de carreira acadêmica.⁷⁸ Os estímulos criados através do Ministério da Educação e de financiamentos de fundações norte-americanas, especialmente via Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), impulsionaram a formação de docentes e de pesquisadores, bem como a criação de vários cursos de pós-graduação.⁷⁹ Além disso, com o incômodo provocado pelas denúncias do *New York Times*, as fundações passaram a adotar políticas que buscavam financiar diretamente os grupos de trabalho, como no caso do Cebrap, por exemplo, criado em 1969, alguns meses depois do enrijecimento do regime militar brasileiro, com a edição do Ato Institucional número 5, em dezembro de 1968.

De certa forma, essa transformação da universidade também procurava absorver todo o tipo de manifestação intelectual, artística e cultural que envolvesse reflexão. Era até um pouco surpreendente que Vega tivesse reagido com tanta resistência quanto nos dá mostras a documentação do instituto, uma vez que os rumos tomados pelo trabalho intelectual que se fazia sentir na América do Sul, de alguma maneira, respondiam às ácidas críticas que ele e Keith Botsford haviam produzido, em 1963, quando enviaram um memorando de 46 páginas sobre a “Situação intelectual na América Latina”. Em resumo, diziam que

Há um evidente contraste entre a riqueza intelectual, a diversidade e a fertilidade do continente [sic] e seu alcance de contribuição cultural ao mundo moderno, que é modesto, pouco original e, com poucas exceções, medíocre. Mesmo que haja uma frenética atividade intelectual, não há verdadeira produtividade;

Os estudos são generalizantes e que a há uso de material de segunda mão. Há dependência externa em relação à Europa e aos Estados Unidos, ausência de trabalho em grupo e de pesquisa sistemática, disputa por posições e reação passiva a padrões de segunda ordem;

Este distanciamento entre atividade e realidade é característico de culturas mal formadas; culturas que são muito mais imitativas do que criativas;

A ausência de padrão nas universidades é responsável pela falta de padrões da sociedade;

A América Latina concebe suas universidades como local de preparação de professores; Os métodos de ensino são rudimentares, enquanto os temas ensinados tendem a ser conservadores;

As bibliotecas são inadequadas;

A profissão de professor é pobremente remunerada. Os professores têm uma infirmitude de empregos;

Numa universidade dedicada aos estudos, não haverá lugar para atividade política. Pouco profissionalizada, estudantes são convidados a associar-se a grupos de poder, como forma de garantir seu futuro e o debate é rapidamente desviado às querelas sobre “esquerda” e “direita”;

E, referindo-se à necessidade de uma reforma universitária, diziam que estas instituições anciãs devem ser transformadas em corpos aptos a preparar o Homem para a nova sociedade industrial, já.

⁷⁷ IACF, box 23, series VI. Paris, 13 maio 1966. Carta de Hundt a Vega.

⁷⁸ Cf. Lei 5.540/68, Lei da Reforma Universitária, cujos resultados foram frutos do Decreto n. 62.937, de 2 jul. 1968, que institui grupo de trabalho encarregado de estudar, em caráter de urgência, as medidas que deveriam ser tomadas para resolver a “crise da Universidade. Cf.: FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educ. rev.* [online]. 2006, n. 28. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28>>. Acesso em 8 jan. 2015.

⁷⁹ Ver o Parecer Sucupira ou 977 da Câmara de Ensino Superior (Cesu) do então Conselho Federal de Educação, de 3 dez. 1965, conhecido pelo nome de seu relator, prof. Newton Sucupira, que cria as diretrizes da pós-graduação no Brasil. Disponível em <http://www.ppg.ufrn.br/conteudo/documentos/editais/parecer_sucupira.pdf>. Acesso em 8 jan. 2015.

⁸⁰ Ver, por exemplo, TRINDADE, Héglio (org.). *As Ciências Sociais na América Latina em perspectiva comparada*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

⁸¹ MICELI, Sérgio. A aposta numa comunidade científica emergente. In: MICELI, Sérgio (org.). *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Sumaré, 1993, p. 48.

⁸² Ver, por exemplo, CHAVES, Wanderson da Silva. *Política dos Estados Unidos para a América Latina: apontamentos gerais*. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH-USP, São Paulo, 2010.

Na conclusão de seu relatório, Vega e Botsford apostavam na vida intelectual no interior das uniniversidades, ao afirmarem que “a criação de uma classe média e o estabelecimento de seus centros de atividade é um dos quesitos urgentes para a melhora da situação dos intelectuais na América Latina”. Mesmo assim, Mercier de La Vega continuou resistindo ao progressivo corte de verbas e à perda de influência do Ilari. Depois de fechar os centros do Uruguai e de Santiago e de várias publicações, em 1969, foi a vez da desativação dos demais centros, em 1970, e da suspensão da publicação da *Mundo Nuevo* e da *Cadernos Brasileiros*, além do programa de publicações de livros. Veja continuou sendo o editor-chefe da *Aportes* até seu vigésimo sexto e último número, em outubro de 1972.

Quando da extinção do Ilari, Keith Botsford já não era mais funcionário do CCF. Em 1965, depois de três anos servindo ao Congresso pela Liberdade da Cultura no Rio de Janeiro e no México, transferiu-se para a Inglaterra como delegado da Secretaria Internacional do PEN Club e, em seguida, até 1970, foi diretor do Centro de Tradução da Ford Foundation.

Surpreendentemente, o Congresso pela Liberdade da Cultura e o Ilari são ignorados nos diversos trabalhos acadêmicos que buscam historiar o “desenvolvimento” intelectual na assim chamada América Latina, seja no que diz respeito à vinculação e ao financiamento de intelectuais e de pesquisa, seja no que se refere ao incentivo à área editorial. É interessante notar como, de uma forma geral, os trabalhos atribuem a institucionalização das disciplinas de Ciências Sociais no Brasil e das pesquisas centradas no desenvolvimentismo e na modernização a esforços de vários eminentes intelectuais, sem atribuir-lhes filiação política mais específica.⁸⁰

O recebimento de financiamento para estudos, especialmente das fundações Ford e Rockefeller, também é analisado atribuindo certa ênfase à autonomia dessas fundações em relação às orientações da política externa norte-americana. Tal autonomia é vista como responsável por uma espécie de “mixagem de condicionamentos contraditórios”.⁸¹ Nesse sentido é atribuída à Fundação Ford a implementação de diretrizes de financiamento de pesquisa no Brasil e no restante da América Latina que se apresentariam como independentes perante a política externa norte-americana. Pesquisas mais recentes revelam, entretanto, que a política externa norte-americana e a guerra cultural (*cultural war*) foram muito mais complexas e que as fundações norte-americanas, em particular a Ford, acompanharam essa dinâmica⁸², daí sua atuação não ser contraditória e muito menos independente em relação ao Departamento de Estado. Quanto à criação de agendas intelectuais e políticas na América Latina, os vários projetos de “modernização” ainda têm muito a nos dizer.



Artigo recebido em fevereiro de 2015. Aprovado em abril de 2015.